



Aboio

*Tradicional do Norte de Minas**

Reberão das águas clara
Bebedô das andorinha
Pensamento dessa moça
Meu coração adivinha

**aboio originalmente entoado por Manuel Nardi (Manuelzão)*

Pé no Chão

Música e letra: Xavier Bartaburu

insp. em Manuelzão e Miquilim

Ê, vaqueiro, venha cá!
Quero ver o teu sertão
Ê, vaqueiro, venha já!
Me mostra o mapa do teu coração

S´embora, Manuelzão
Venha, vamos botar o pé no chão
S´embora que a vida é curta
O caminho é longo, meu irmão

S´embora, Manuelzão
Venha, vamos botar o pé no chão
S´embora tocar boiada,
Tocar viola, fazer canção

S´embora, Manuelzão
Venha, vamos botar o pé no chão
S´embora que a vida é dura
O caminho é torto, meu irmão

S´embora, Manuelzão
Venha, vamos botar o pé no chão
S´embora que tá na hora de
Pôr o povo pra conhecer esse mundão

Ô, Manuel! Nessa terra, nesse céu
Quem é mais conhecedor?
Só o senhor é bacharel!

Ô, Manuelzão! Somos a tripulação
Quem é mais navegador?
Só o senhor é capitão!

Passagem para o nada

Música e letra: Edson Penha

insp. em *Grande Sertão: Veredas*

É o sol
Que descasca o couro da cabeça
Por dias a fio
Por noites caladas de frio

Os pés no chão
Sem água ou razão
Teima o sol
Que resseca a dura casca de pele

Passagem que leva ao nada
E nada era tudo e tudo era nada
Que fome! Que tanto destrato!
Macaco-moleque, mãe, me dê seu perdão

Sertão, que devora a carne
Que transforma a alma em seixo de sal
Que faz do sertanejo
Misterioso cristal

Os pés no chão
Sem água ou razão
Teima o sol
Que resseca a dura casca de pele

Sertão, que devora a carne...

Nonada de mim

Música e letra: Edson Penha

insp. em *Grande Sertão: Veredas*

Sabe, senhor
É a minha verdade, senhor
Fim que foi meu amor
Toleima, senhor

Sabe, senhor
O amor faz trapaça, senhor
Nos embebeda em desgraça
Nonada de mim

No calor dos olhos verdes
Fique certo que o amor
Foi perdido no fogo
Da terra, senhor

No calor dos olhos verdes
O silêncio tem cor
Queima o desejo
Meu medo, senhor

Diadorim, que passou por mim
Que meus dedos não tocou, não tocou
Diadorim, que passou por mim
E que em minha alma a incerteza queimou

Sabe, senhor...

Diadorim que passou o amor
Que meus dedos não tocou, não tocou
Diadorim que passou o amor
No sertão: veredas da minha dor

Um Miguilim

Música: Xavier Bartaburu

Letra: Edson Penha e Xavier Bartaburu

insp. em *Manuelzão e Miguilim*

Um lugar, Mutum
Um covão, um lá
De serras a rodear
Arroios a cochichar
Cantiga de reverberar

Cor dos inhambus
Pra se escutar
Quintal de passarinhar
Roseira de segredar
Cantiga de reverdejar

Miguilim: brejal pra se campear
Buriti: afã de nuvear
Broto de pequi
Terra de amanhar

Grota que verte fio de dentro,
Água de chio a derramar
Correnteza de rio que vai,
Vida que traz, voz que vem lá
Dos Gerais

Um Miguilim
Pra se garimpar coração
Roseiral pra se descobrir, desverdecer, ver florear

Um Miguilim
Que arrebenta a trava do ver
Que arrebatada em turvo espelhar
Quem conhecer, sem esperar,
nele a si próprio vê. Lá!



Canoeiros

Música e letra: Edson Penha

insp. no conto *Azo de Almirante*, de Tutaméia

Mês das águas, rio levou
Mãe e filha na aguaça
Aguaceiro, água-amarga,
Alma mater, reaviara
Aguaceiro, água-amarga,
Que deu azo à cruzada.

Mês das águas, rio levou
Mãe e filha na aguaça
Aguaceiro, água-amarga,
Que deu azo à cruzada.

Remadores, fim de estrada
O sertão em suas cavas
Rio acima, alma-santa
Tanta gente precisada

Canoeiros, travessias
Na remância de tristeza e de estranhas alegrias

Rio afora, mascatagens
Foi à faina em ciganagens
Na represa, estrangeiros
O progresso derradeiro.

Canoeiros, fim da Usina
O sol quente desatina
Fez viagem de resgate
De desordem, rixa e sina.

A última viagem foi contrato de amor
Deu em bala, deu em festa
Deu em morte, deu em dor.

Foi a última viagem, comandante batedor
Na espuma da itaipava,
Canoagem se acabou.

Foi a última viagem, almirante vencedor
No orlado, no brejal,
Canoagem se acabou, se acabou



A Terceira Margem do Rio

Música: Milton Nascimento

Letra: Caetano Veloso

insp. no conto *A Terceira Margem do Rio*, de *Primeiras Estórias*

Oco de pau que diz:
Eu sou madeira, beira
Boa, dá vau, tristriz
Risca certa

Meio a meio o rio ri
Silencioso, sério
Nosso pai não diz, diz:
Risca terceira

Água da palavra
Água calada, pura
Água da palavra
Água de rosa dura
Proa da palavra
Duro silêncio nosso pai

Margem da palavra
Entre as escuras duas
Margens da palavra
Clareira, luz madura
Rosa da palavra
Puro silêncio, nosso pai

Meio a meio o rio ri
Por entre as árvores da vida, o rio riu, ri
Por sob a risca da canoa, o rio viu, vi
O que ninguém jamais olvida, ouvi, ouvi, ouvi
A voz das águas

Asa da palavra
Asa parada, agora
Casa da palavra
Onde o silêncio mora
Brasa da palavra
A hora clara, nosso pai

Hora da palavra
Quando não se diz nada
Fora da palavra
Quando mais dentro aflora
Tora da palavra
Rio, pau enorme, nosso pai

Querência

Música e letra: Edson Penha

insp. no conto *Seqüência*, de *Primeiras Estórias*

No trote de fuga
Na poeira da Tabocas
Debandando lá da Pedra
Ê, Pitanga vai!

No trote de fuga
Na poeira da Tabocas
Debandando lá da Pedra
Ê, Pitanga vai!

Senhor-moço, vá!
Brio e espora, já!
Traga a Diaba, cá!

Senhor-moço, foi
Orgulhoso e só
Buscar a vermelha, foi

Sem saber que era o amor
Que ditava seus passos
Na almargem, pro encontro
Da alma que o completou

Uma estória de amor

Arvorecer

Música e letra: Edson Penha

insp. no conto *Os Cimos*, de *Primeiras Estórias*

Abra os seus olhos
Nunca anoitecerá
Incerteza é o que há
No cimo dourado do arvorecer

Abra os seus olhos
Que o tempo virá
E com ele a saudade
Do vôo dourado no alvorecer

Sem sua mãe, menino
Você perde a cabeça e perde o corpo
Num segundo, o brinquedo vira outro
Só pra iludir

Abra os seus olhos
Você vai voar
Como ave que há
No cimo dourado do arvorecer

Abra os seus olhos
Que a saudade virá
Quando em casa lembrar
Do vôo dourado no alvorecer

Sem sua mãe, menino
Você perde a cabeça e perde o corpo
Num segundo, o brinquedo vira outro
Só pra iludir

Notícia do Norte

Música: Joel Teixeira

Letra: Edson Penha

insp. em *Grande Sertão: Veredas*

Brabo pardo chegou banhado de lama
Gavião-cujo que veio do norte
Trouxe agouro e notícia de morte
Notícia do fim de Joca Ramiro

No céu moídas as nuvens da dor
No céu brotaram as nuvens do ódio

Um bramava, um calava
Um outro caía
Traição pelas costas
Zunido de bala

Trouxe raiva e vingança de morte
Vingança ao fim do grande Ramiro
No céu moídas as nuvens da dor
No céu brotaram as nuvens do ódio

Amigo olhar-de-esmeralda
Caiu e de fúria explodiu
Um rio de lágrimas sobre a face vermelha
Um rio de lágrimas

Vazio ficou o chão
E o mundo se perdeu da razão
Vazio ficou o chão
E o mundo se perdeu da razão



Acerto de Contas

Música: Joel Teixeira e Edson Penha

Letra: Edson Penha

insp. em *Grande Sertão: Veredas*

O dia: era de acerto
A data: da conclusão
De botar bala no peito
Não medir quem é direito
Nem lembrar quem tem defeito
Só vazar o coração

Os canos matraqueavam
De zunir em queimação
Tinha bala com endereço
Outras sem qualquer pretexto
Se tornavam adereços
Em toda povoação

Arrê, terra em transe! Arrê, é o guerrear!
No chão o sangue coalha
Medo e ódio se espalham
Foi a última batalha do sertão sem dimensão

Se pensar, perde a coragem
Se rezar perde atenção
É o mundo dos avessos
A vingança não tem preço
Nem requer lembrar de apreço
No tecer da situação

O destino estava feito
A vingança um conceito
O demônio e o redemunho
Na rua facas em punho
Quem quis ser, foi testemunho
O fim foi desolação

Arrê...

E a tarde trouxe mágoa
E a noite solidão
O estranho se fez claro
Na nudez revelação
A paixão tão rechaçada
Se manteve resguardada
No final da contação

Cantiga do Desverdear

Música e letra: Xavier Bartaburu

insp. em *Grande Sertão: Veredas*

Ai, meus bunitizais

Ai, meus bunitizais

Levados de verde

Levados de vida

Vazios de cor

Valham-me, meus Gerais

Valham-me, meus Gerais

Levados de campo

Lavados de pranto

Varridos de flor

Diadorim, dia do sim

Dia do amor enfim

Diadorim, dia do não

Dia em que a noite

Seca as veredas

Dentro do coração



Razão

Música e letra: Xavier Bartaburu

insp. no conto *Duelo*, de *Sagarana*

Sertões afora, grotões adentro
Cavalgavam dois, estirando o tempo
Que o ódio insiste em arrazoar

Um ia na frente, outro vinha atrás
Cada qual, desgosto de não poder mais
E uma honra manchada pra se lavar

Por vales e várzeas, rumavam poente
Cruzavam vazantes, geograficamente
Cobrindo de pó e vingança o mapa do cerradão

O fim de um amor, o começo do drama
A justiça agora se fará na lama
Ao sol suada e soluçada numa guerra sem perdão

Quem é que tá com a razão, é cumpade? Quem é que tá?
Quem é que tá com a razão, meu irmão? Quem é que tá?

Morrões acima, ribeirões abaixo
Tropeçavam dois, ligeirando o passo
Ela não podia mais esperar

Um, mais velho, papudo; outro, moço, soldado
Esse-um, vagabundo; esse-outro, coitado
E os dois na peleja de se arrenegar

Quadrante a quadrante, rasgavam tangentes
Traçavam secantes, geometricamente
Riscando caminhos de dor e sangue pelo chão

Um perseguia a vida, outro fugia da morte
O outro não via a hora de sair do Norte
E o um, no Sul, sonhava e alimentava o dia
de voltar pro seu sertão

Quem é que tá com a razão...

O silêncio na alma, o cansaço na mente
Ofegavam dois, guimaranemente
Sertanejando os mistérios que cercam o coração

Lá fora, a razão ainda procura quem
Ninguém tem juízo sobre o mal e o bem
Só o sertão tem poder de explicação



Outras Rosas

Música: Edson Penha e Xavier Bartaburu

Letra: Edson Penha

insp. em *Grande Sertão: Veredas*

Há uma flor no meio do caminho
É uma rosa de caule sem espinho
Tem mais flor na beira do caminho
Tanta rosa, no Rosa eu descaminho

Nhorinhá, dama da vida, amor escuso
Dos impossíveis, foi
De gosto impuro, é
De tempo curto

Rosa'uarda, dama da iniciação, foi
Caminhos turcos, foi
Pecados puros, é
Que torna homem, na condição

Há uma flor no meio do caminho...

Má Mutema, dama do chumbo e soturna
Foi cega-vidas, foi
Das traiçoeiras, é
Cobra coral, vil

Otacília, santa da sublimação, foi
Amor celeste, foi
De tempo longo, é
Que torna a vida celebração

Há uma flor no meio do caminho...

Diadorim, dama da guerra, dos opostos.
Vinganças turvas, é
Amor calado, foi
Querer profano

Diadorim, dama de torta restrição, fez
Querer confuso, fez
Dos tempos curvos, é
Que fez mistério, consternação



Encomendação de almas

Tradicional de Jequitibá, MG

Óia lá que Deus não dorme, como vós quereis dormir
Óia lá que a morte é certa, e a vida é incerta
Senhor Deus, pequei senhor pela dor de vossa Mãe,
Maria Santíssima, Senhora Santa, misericórdia

Redenção

Música: Joel Teixeira e Edson Penha

Letra: Edson Penha

insp. no conto *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*, de Sagarana

Para a contrição, a indulgência
Para a aversão, benevolência
A terra, o suor, as feridas abertas, a salvação
A dor, o trabalho, as feridas abertas, a salvação

Para ter razão, reminiscência
Para a tentação, a penitência
A dor, o trabalho, as feridas abertas, a salvação
A terra, o suor, as feridas abertas, a salvação

Augusto, o que há com você?
Augusto, chega de se esconder

Empunhe as armas, desforre a raiva
E faça justiça com a redenção
Empunhe as armas, desforre a raiva
E faça justiça no duro sertão

Um bandido arrependido
Com passado escondido
A cruz e a enxada, o louvor,
A batalha acirrada brotando em seu coração

Um beato dedicado
Uma alma com seus vícios
A cruz e a enxada, o louvor,
A batalha acirrada brotando em seu coração

Augusto, o que há com você?
Augusto, chega de se esconder

Empunhe as armas...

A cruz, a enxada, o louvor, a batalha acirrada



Sagarana

Música: João de Aquino

Letra: Paulo César Pinheiro

A ver, no em-sido pelos campos-claro: estórias
Se deu passado esse caso, vivência é memória
Nos Gerais, a honra é-que-é-que se apraz
Cada quão sabia sua distrição
Vai que foi sobre esse era-uma-vez, 'sas passagens
Em beira-riacho morava o casal: personagens
Personagens, personagens

A mulher tinha o morenês que se quer
Verdeolhar dos verdes do verde invejar
Dentro lá deles diz-que existia outro gerais
Quem o qual, dono seu
Esse era erroso, no à-ponto-de ser feliz demais

Ao que a vida, no bem e no mal dividida
Um dia ela dá o que faltou
É buriti, buritizais
É o batuque corrido dos gerais
O que aprendi, que aprenderás
Que nas veredas por em-redor sagarana
Uma coisa é o alto bom-buriti
Outra coisa é buritirana

A pois que houve no tempo das luas bonitas
Um moço êveio: - Viola enfeitada de fitas
Vinha atrás de uns dias para descanso e paz
Galardão: - Mississo-redó: Falanfão
No-que: "-se abanque..."
Que ele deu nos óio o verdêjo
Foi se afogando, pensou que foi mar, foi desejo...

Era ardor, doidava de verde o verdor
E o rapaz quis logo querer os gerais
E a dona deles:
"-Que sim", que ela disse verdeal
Quem o qual, dono seu
Vendo as olhâncias, no avôo virou bicho-animal:
- Cresceu nas facas:
- O moço ficou sem ser macho
E a moça ser verde ficou

Quem quiser que cante outra
Mas à-moda dos gerais
Buriti: rei das veredas
Guimarães: buritizais!